

Á Biblioteca Pública de
Braga

TOMO NA LIVRE

16
FEVEREIRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

À falta de competência para analisar a natureza e efeitos da icterícia, terrível doença que através dos tempos tem causado as mais perniciosas ruínas, vou divagar um pouco sobre as consequências que análogamente, pode produzir no mundo moral.

Sempre ouvi dizer, que, quando a icterícia ataca um homem, turva-se-lhe a vista. Um véu amarelo estende-se diante do olhar, sobre todas as coisas.

Assim, tornam-se amarelos os bosques, amarelos os lagos, o céu, as flores etc. É sempre o amarelo tão antipático a sobrepôr-se às cores reais da natureza...

Transpondo o fenómeno para o campo social, há que constatar nos enfatuados e orgulhosos, nos megalómanos e super-homens, uma icterícia de carácter maligno, capaz de ver através de seu olhar amarelo, o mal em tudo.

Para o doente icterício, não há inteireza de carácter. Todos têm manchas... Só ele é íntegro...

Só ele sabe interpretar as pessoas, as instituições, os factos...

Verticalidade, aprumo e imparcialidade, são distorcidos

pelo seu olhar amarelo em curvaturas e sinuosidades... E aí de quem não queira submeter-se ao seu veredicto...

Na sua língua, sofre uma espécie de prurido que conduz à manifestação dos defeitos alheios que um cérebro permanentemente em ebulição procura descobrir, ruminando o mal que há-de fazer ao semelhante e caído em

estados mórbidos de hipocondria, se não encontrou modo de desafogar o seu veneno.

Este género de icterício tem olhos maus; são amarelos e vesgos... Não descobre virtudes, mas lobriga defeitos.

Profissional da mentira, convence-se ele próprio e insinua aos apaniguados, que

(Continua na 3.ª página)

«ENGANOS E DESENGANOS»

Há um velho provérbio que nos diz: «De pequenino se torce o pepino».

Assim acontece com alguns homens: é de jovens que escolhem a vocação de sempre, avistando o futuro com uma certeza vincada, sem hesitarem, e sabendo que caminham pelo veio certo; outros enganam-se ao optar quando míudos na sua carreira, mas mais tarde conhecem a verídica; há ainda aqueles que a despeito do seu engano tentam por todos os meios e formas a prossecução da vocação que tinham escolhido.

Uns tiram o proveito que

desejavam, outros derrotados abandonam-na.

Assim aconteceu comigo, que desde miúdo, dos meus catorze anos, gostava de escrever, escrever a sério, mas não o conseguia por mais que o tentasse.

Mas «quem espera sempre alcança», é o dito do arcaico anexam, eu aos dezasseis anos consegui redigir o primeiro conto, que publicou num semanário da província.

Tão contente fiquei, que o dei a ler a vários colegas meus, pois tinha orgulho do triunfo que com bastante esforço conseguira.

Uns não o comentaram, outros não deram as melhores referências, outros ainda, fizeram uns breves elogios. Mas houve aqueles que o acharam tão bom, que não o quiseram aceitar como sendo fruto da minha imaginação. Com esses fiquei magoado, não pelo valor que tentavam suprimir-me, mas sim pelo grau que neles estava da minha lha-

(Continua na 4.ª página)

O homem que matou um gato

Creio já lhes ter falado neste caso autêntico sucedido há alguns anos em Angola — precisamente na Baía Farta, a poucos quilómetros de Benguela: o caso do homem que matou um gato.

O homem era um metropolitano ainda novo, a bem dizer um rapaz, que tinha ido para ali trabalhar no seu ofício de pedreiro. Morava ele um pouco distante do local de trabalho, em todo o caso não tão longe que não pudesse ir a pé. Ora um dia de manhã, um bom bocado de-

Não há meio termo... Antigo oficial da Gendarmeria francesa em Argel, um desses bravos «soldats perdus» que, dramaticamente colocados perante o malogro da sua causa, não se resignaram a deixar de ser militares e foram pelo destino levados a alistarem-se nas hostes de Tchombé, o capitão Dénard, agora refugiado em Angola, revelou ao jornalista António Pires, correspondente da ANI em Luanda, que os «mercenários» ou «affre», seus heróicos companheiros de armas, caídos em poder dos «capacetes azuis» na Catanga foram pelos funcionários civis da ONU convidados a escolher entre o seu ingresso nos quadros das Nações Unidas e o repatriamento. Alguns aceitaram a primeira hipótese: foram imediatamente contratados pela ONU a título de «conselheiros técnicos». Quanto aos que

optaram pelo repatriamento, foram entregues às autoridades de Leopoldville, têm sido maltratados e vexados de todas as formas e maneiras pela indisciplinada soldadesca congolense — e parece que vão ser julgados (por juizes nomeados pelo sr. Adula ou então por qualquer improvisado «tribunal do povo») como «criminosos de guerra».

Não há, pois, meio termo para os chamados «mercenários de Tchombé» que se renderam aos contingentes indianos ou etíopes da ONU: ou acabam por ser enforcados depois de qualquer africana paródia de julgamento — ou então, bem pagos, bem alimentados, bem alojados e bem uniformizados, passam, com todas as honras e proveitos, a servir a Organização das Na-

(Continua na 4.ª página)

A GRANDEZA DOS HOMENS

Por Elísio Gonçalves

Os homens medem-se pelas suas atitudes e pelos seus actos. Só se pode ser grande praticando actos nobres. Há dias o presidente da pequena república do Equador declarou publicamente que a ilha de Cuba é um foco perigoso de comunismo que põe em perigo não só a América do Sul como até a do Norte e o Munto inteiro. Para acabar com esse perigo deveria a terra do terror de Fidel de Castro ser bombardeada e assim esse perigo desapareceria.

Este desafio derígido aos Estados Unidos que são o vizinho mais próximo não teve resposta. «São negócios». Depois da retirada dos mísseis Russos que dizem ser uma vitória para o Snr. (Kenedy), navios carregados com metralha explosiva vão sendo descarregados com conhecimento americano sem saber para que fim. Até poderá servir para paiol de reservas americanas já que o seu espaço não chega para acomodar o fogo para o dia da «festa».

Como ninguém pode pedir contas ou satisfações a uma nação tão poderosa, tão democrata e tão amiga da paz e dos amigos envolvidos em carnificinos sangrentos, estão todas na expectativa, contando sempre, os homens grandes das nações pequenas, que surja na América quem interponha aos instintos do Presidente dessa República uma tutela aos seus actos praticados em prejuízo do Mundo que quer viver em paz e liberdade de movimentos.

Estamos agora a contas com um bando de facínoras armados no Congo dispostos a adubar com os seus corpos as terras férteis de Angola.

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 3.ª página)

Principais causas de cegueira

na primeira infância

Mantendo com vida os bebés nascidos prematuramente entre o 6.º e o 9.º mês, os progressos da ciência fizeram com frequência candidatos a uma afeção que pode provocar a cegueira pela «fibroplasia do retro-cristalino». Este mal misterioso surgiu pela primeira vez nos Estados Unidos, com a introdução das estufas nas quais se colocavam os prematuros. Essa doença é caracterizada pelo desenvolvimento de uma membrana esbranquiçada por detrás do cristalino, em consequência de uma perturbação vascular provocada por uma oxigenoterapia exagerada, ou pouco precisa, no interior das estufas. Ainda há alguns anos, 20% dos prematuros ficavam cegos. Na maioria dos países, a oxigenoterapia é submetida a regras restritas.

A conjuntivite dos recém-

nascidos é provocada pela infecção dos olhos da criança à passagem nas vias naturais infectadas pelo gonococo e era, outrora, uma das causas principais de cegueira na primeira infância, na Europa. Desapareceu quase totalmente com a utilização generalizada do método de Crédé.

Uma outra causa de cegueira na primeira infância é o glaucoma infantil. Os pais seriam muito mais sensatos se, em vez de se sentirem orgulhosos, desconfiassem dos olhos demasiado grandes do seu recém-nascido e que qualificam de belos, sobretudo quando a criança atinge 1 mês de idade (esta observação é válida também para o pediatra), pois pode tratar-se de um glaucoma infantil, que provoca uma atrofia progressiva do nervo óptico.

TRIBUNA FEMININA

ESCUTE... MINHA AMIGA Mas porque é que

Lembre-se de que é mulher, e que o dever de todas nós é, não nos deixarmos levar pelas paixões que o dominam.

A brandura e a calma são duas armas que a mulher empunha, sempre com vantagem, nos azedumes do seu lar.

Quer uma receita, económica para foscar vidros? É simples.

Dissolvem-se 25 gramas de goma de adragante em 10 claras de ovos, bem batidas, durante bastante tempo, a fim de ficarem bem incorporadas; depois, com um pincel, estende-se esta mistura por igual sobre os vidros que pretendemos tornar foscos. Se se tratar de vidros de janelas, o preparado aplica-se pelo lado interior, para que a acção da chuva ou da humidade não o inutilize.

Se tem filhinhos, cabe à mãe, na sua nobre missão, cuidar deles com todo o esmero e toda a higiene, faça-os respirar ar puro e fresco em abundância, dê-lhes toda a liberdade de movimentos e nunca lhes falte com alimento são contendo todas as vitaminas indispensáveis ao seu pleno desenvolvimento e hoje perfeitamente determinadas. Proteja os seus bebés contra todas as possibilidades do raquitismo.

Um doce brasileiro = 300 gramas de milho leitosos, 250 gramas de açúcar, 1/2 decilitro de sumo de laranja, idem de vinho fino, casca de limão e canela em pó. Colhem-se as maçarocas do milho quando estão ainda leitosas, esmagam-se os grãos e coa-se o líquido obtido; mistura-se este líquido com o açúcar, o sumo da laranja e o vinho, junta-se-lhe a casca do limão e leva-se ao lume a ferver até chegar ao ponto de parecer um creme. Retira-se a casca do limão, deita-se o doce numa travessa, polvilha-se com canela e serve-se frio.

A cultura de cactos

As regas = De Maio até Julho as regas dos cactos devem tornar-se mais frequentes e abundantes.

As regas devem fazer-se de manhã às 10 horas e de tarde às 16 horas. A rega feita mais tarde não assegura a evaporação que é necessária para humedecer a atmosfera, o que é altamente vantajoso para os cactos e plantas gordas. Nos fins de Maio e para emitir as chuvas dos países quentes, a rega pode ser feita com água morna que não tenha sido fervida. Mas isto só quando

o tempo não esteja frio nem o Sol encoberto.

mas sem jacto de água nos vasos quando a planta está envasada, ou na terra, um pouco afastada dos pés das plantas, se estas estão em canteiros.

Para a rega dos cactos é preferível a água da chuva e, na falta desta, a água que não seja calcárea.

Na cultura dos cactos tem grande importância a temperatura da água, que deve ser a mesma da planta. Se os cactos estão em estufa, esta deverá ter um pequeno lago ou uma vasilha destapada com água para as regas. Se os cactos estão ao ar livre, devem regar-se com água que esteja exposta ao ar e tenha apanhado sol durante algumas horas.

Os cactos devem regar-se abundantemente em Julho, um pouco menos em Junho e Agosto; ainda menos em Maio e Setembro; ainda menos em Abril e Outubro e raras vezes em Novembro, Dezembro Janeiro e Fevereiro.

Alguns cactos dão flores lindíssimas e é pena terem, algumas pessoas, para com eles a superstição de que «moça solteira não casa se tiver cactos em casa».

Curiosidades

Existe em Veneza a curiosa superstição de que se um viajante morre num hotel, o número do seu quarto sairá premiado na lotaria.

Na Europa, das quatro mil e duzentas espécies de flores existentes, apenas dez por cento tem aroma. Segunda esta-

tísticas, averiguou-se, também, que as mais comuns são brancas.

Esperanças e desenganos

Padre António Tomaz

Quando partimos, no vigor dos anos, Da vida pela estrada florescente,

As esperanças vão connosco à frente, E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, celeres e ufanos, Vamos marchando descuidadamente,

Eis que chega a velhice, de repente, Desfazendo ilusões, matando enganos.

E é só então que vemos claramente Quanto a existência é rápida e falaz!

E vemos que sucede exactamente O contrário dos tempos de rapaz;

Os desenganos vão connosco à frente, E as esperanças vão ficando atrás.

Pensamento

Aquele que julga poder pensar sem os outros, engana-se; mas o que julga que os outros não podem pensar sem ele, engana-se ainda mais.

Para meditar

A natureza, dando-nos dois ouvidos e uma só boca, ensinou-nos que devemos ouvir mais do que falar.

«elas» são assim?

cado pelo sofrimento, e os seus grandes olhos negros e sofredores elevavam-se para mim com uma expressão torturada, de quem já nada espera da vida. Contava-me — confidencialmente, como a um amigo de velha data, embora apenas há dias nos conhecêssemos — a sua vida, cadeia longa de injustiças, humilhações, desconsiderações. Parecia-me impossível que hovesse pais tão — sem coração que fossem indiferentes àquela filha, amigos tão desleais que a atraíssem sempre que com eles contava, um noivo que a trocara, pouco antes do casamento, por «uma qualquer». Que ela não era «uma qualquer», via-se logo: inteligente, bonita, meiga, paciente — só assim conseguira chegar ao ponto da sua vida em que a encontrei, uma vez mais por todos abandonada sem sua culpa, sem cometer um acto desesperado. Sim, Luciana era paciente e merecia a protecção e carinho de um homem forte, de bons sentimentos, como eu pensava ser. A sua fragilidade perante a maldade do mundo despertara em mim os mais nobres e cavalheirescos sentimentos, durante tantos anos adormecidos, pois não me fora ainda dado encontrar alguém como Luciana.

Estava loucamente enamorado e resolvi casar breve. Eu tirara-a, naturalmente, da emaranhada situação em que se encontrava, e ela revivia — parecia outra.

Parecia outra... de facto, já durante o nosso curto noivado a achei frequentemente nervosa, histérica quase, com explosões repentinas para mim incompreensíveis. Mas essas explosões dirigiam-se sempre contra a criada, o rapaz da mercearia ou o cão, e eu desculpava-a, lamentando-a, pois só quem não fosse ainda completamente feliz poderia reagir

tal dia havia de chegar, que meus criados lhe dariam o equilíbrio que reconhecia faltar-lhe ainda. Tinha tanta esperança no futuro!

Mas neto nos primeiros dias do nosso casamento voltou a ser para mim aquilo que se mostrara quando a conheci. Era gentil, sim, mas distante, como se não estivesse verdadeiramente interessada no que dizia. Sentia-me desiludido, mas não desistia.

Um dia sucedeu algo de terrível: Luciana possuía um belo jarrão que herdara da avó. Estava normalmente na nossa salinha de estar, mas nesse dia ela trouxera-o para a varanda, colocando-o, com flores, a um canto. Depois entrou em casa, deixando aberta a porta da varanda.

Passado algum tempo ouvi o ruído de algo que cai e se estilhaça, seguido do latir de um cão; correrias, e depois gritos e imprecações. Apressei-me a ver o que se passava: sentada numa cadeira na varanda, com o cão no colo, ela chorava copiosamente e invectivava a criada por ter deixado o cão atirar o jarrão por terra! A rapariga defendia-se, que não sabia sequer da mudança de lugar do objecto, que não podia andar atrás do cão, etc., mas Luciana acusava-a: «Fizeste isso só para me magoares, porque me tinhas inveja; vai-te daqui, que não quero voltar a ver-te».

Pasmado, olhei-a bem: o seu rosto etéreo estava marcado pelo sofrimento, e os seus grandes olhos negros elevavam-se para mim com uma expressão torturada: o meu amor por Luciana acabava tal como começara...

Tarde demais reconheci a sua verdadeira personalidade. Tarde demais via que fora logrado: Luciana precisava sem-

(Continua na 4.ª página)



AO PREFERIR

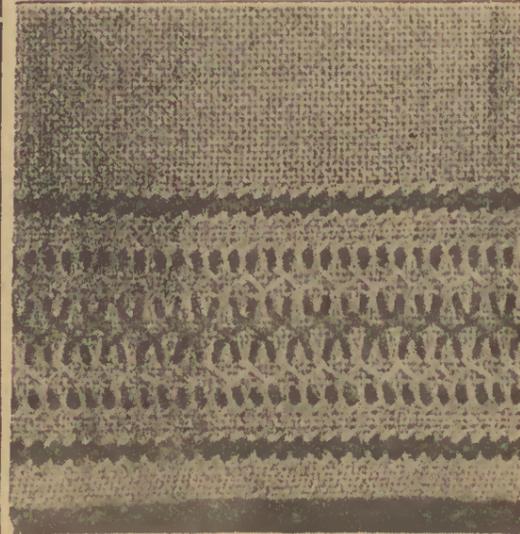
«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricot, maquilhagem, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO



Crochet

Para uma toalha de mesa, eis o motivo que lhe ofereço.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO De Caldelas A EFTA e as suas relações

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Esta vez tive pouco tempo e falta de disposição para vos escrever. Mas o hábito obriga-me a dizer alguma coisa sempre que a Tribuna visita

Batatas

É verdade! Milhares de toneladas de batatas vão entrando os nossos portos visto que os preciosos tubérculos nacionais são insuficientes para as necessidades da alimentação pública. Todos estamos de acordo, certamente, quanto às deficiências das colheitas da batata no ano passado. Sou testemunha disso porque o batatal que mandei plantar para mim, não produziu a semente!... Outros se queixaram também e não fiquei só nas lamúrias do prejuízo sofrido. Contudo sei, que alguns, bastantes, tiveram produção razoável para vender; mas, fizeram, armazém, à espera que cheguem aos três ou quatro escudos o quilo. E assim, já estamos a comer batatas a 2\$40 e a 2\$50 cada quilo, embora as estrangeiras sejam vendidas a 2\$20 ao público consumidor. Isto faz lembrar os que ficaram com vinho verde de 1961 nas adegas enquanto o povo adoecia com a mixórdia do vinho maduro... Se já dava 2.500\$00, queriam 3.000\$00 por cada pipa!! É infelizmen-

te bem verdade que o homem é o lobo do outro homem!..

Transportes e oficinas

Lago está em progresso e a e desejo que os proprietários, se forem dois ou mais tenham movimento compensador do empate do seu dinheiro. Por mim reconheço a utilidade prática do empreendimento para o engrandecimento da Terra e comodidade dos povos circunvizinhos, e não apenas dos de Lago. Também um novo centro ciclista abriu as suas actividades no lugar do Bico de Lago, Amares.

Vós chamareis ao Bico, Entre-Pontes... Também lhes podeis chamar Entre-Rios. Mas não é, ou não deve ser, assim. O lugar chamou-se sempre Bico porque a freguesia de Lago, e, com ela, o concelho de Amares, termina ali em bico, entre Braga e Vila Verde. Isto representa progresso e comodidade, para mais, junto da estação rodoviária onde há gasolina para os motores de explosão e de digestão...

Para terminar ia dizer-vos que plantásseis muitas batatas, para que na próxima colheita fôssem mais baratas; mas, já me arrependi dada a careza da semente, da adubação e da mão de obra...

Vosso: J. Moreira

Cortejo de Oferendas em benefício da Igreja—Palestra e projecção de filmes sobre assuntos agrícolas

Caldeas 13 -- Realiza-se benefício das obras da igreja paroquial.

Reina grande animação em toda a freguesia e em especial a mocidade que se prepara para que seja um verdadeiro sucesso.

— Promovido pela delegação Agrónomica da CUF, realizou-se ontem à noite, com grande assistência de interessados, uma palestra sobre «como se alimentam as plantas» e projecção de filmes sobre assuntos agrícolas.

C.

Os males da Icterícia

(Continuação da 1.ª página)

mentindo fala verdade.

Tem habilidade rara para mentir sem perder a compostura, utilizando recursos que uma refinada hipocrisia fornece.

Como ictérico, não vê objectivamente, sofre dum complexo que o leva a julgar subjectivamente, caíndo em situações ridículas e degradantes de megalómano aturdido.

Quando é interrogado, responde com evasivas e o cinismo de sempre: = Não sei, não sei...

Politicamente, este ictérico, adapta-se a todas as circunstâncias. E porque não, se vê tudo por olhos amarelos?...

M. P.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

COM O EUROMERCADO

Pouco mais de dois anos passados sobre a assinatura do Tratado de Roma os ministros da Austria, da Dinamarca, da Noruega, da Portugal, da Suécia e da Suíça, têm festas de comemoração da Organização Europeia de Cooperação Económica: OECE — assinaram, por sua vez, um tratado de cooperação económica; a convenção da Associação Europeia de Comércio Livre — EFTA. As principais disposições dessa convenção incluem regras para a abolição dos direitos e das restrições quantitativas entre os países membros. Ao contrário do que se verifica no Mercado Comum Europeu, não se encontra qualquer disposição sobre uma barreira tarifária comum contra o resto do mundo.

Uma das razões apresentadas para explicar a existência de duas associações económicas de fins idênticos foi a questão política: a CEE teria um carácter supra-nacional incompatível com a política de neutralidade de alguns membros da EFTA.

De facto, porém, outros motivos, muito evidentes e bem mais importantes no plano prático, presidiam à convenção da EFTA. Em primeiro lugar, as relações do Reino Unido com a Comunidade Britânica. Depois, a posição dos escandinavos e da Suíça, países tradicionalmente de tarifas baixas, para os quais aderir a uma união aduaneira teria significado a elevação dos seus direitos, em directa oposição à tradicional política liberal do Comércio, a qual lhes garante rendimentos provenientes do comércio internacional e que ficariam ameaçados.

O processo de criação da EFTA decorreu, aliás, de todas estas circunstâncias. Depois da assinatura do Tratado de Roma, a OECE procurou estabelecer uma estrutura, graças à qual todos os seus outros membros pudessem associar-se à CEE. A sugestão mais viável parecia ser a da criação de uma «zona europeia de comércio livre», que aboliria as barreiras ao comércio entre os seus membros, mas que lhes deixaria liberdade de escolha quanto aos seus próprios direitos aduaneiros.

A convenção da EFTA é um modelo de flexibilidade e evidentemente que à sua criação esteve sempre presente a ideia de uma futura associação europeia mais vasta, por certo que o Mercado Comum Europeu, que possuía uma filosofia política para a qual só dois países da EFTA poderiam por força da sua política tradicional, não se sentir atraídos: Portugal e o Reino Unido. Além

disso, todos os países da EFTA dependem em maior ou menor grau dos centros industriais da CEE e, por exemplo, a Austria e a Suíça têm festas de comemoração da Organização Europeia de Cooperação Económica: OECE — assinaram, por sua vez, um tratado de cooperação económica; a convenção da Associação Europeia de Comércio Livre — EFTA. As principais disposições dessa convenção incluem regras para a abolição dos direitos e das restrições quantitativas entre os países membros. Ao contrário do que se verifica no Mercado Comum Europeu, não se encontra qualquer disposição sobre uma barreira tarifária comum contra o resto do mundo.

Tudo, portanto, impelia, dadas as origens, a EFTA para a CEE. Ao Reino Unido, pela sua importância especial, competia dar o passo decisivo.

Deu-o, pedindo a abertura de negociações para admissão na CEE, e sabe-se que depois de aplanadas muitas dificuldades a França recusou-se a aprovar a entrada da Inglaterra, fazendo, é claro, gorar simultaneamente as negociações com os outros países. Por quanto tempo, ninguém o pode prever. Mas aos porquês talvez possa responder-se.

O pedido de admissão da Inglaterra na CEE desencadeou no próprio Reino Unido uma onda de protestos. Perguntava-se na Imprensa: «Para onde vai a nossa política tradicional?» e bramava-se que a independência britânica estava comprometida.

Claro que não estava comprometida — e todas as razões que outros artigos apontamos o explicam. O que estava comprometida era a unidade do Mercado Comum, a unidade da Europa, mesmo a das Pátrias. De Gaulle — talvez mais forte em História em Filosofia Política do que outros dos seus colegas — compreendeu que e uma Inglaterra com a Comunidade seria, fatalmente, factor de perturbação no desenvolvimento harmónico — cultural e económico — da Europa dos Seis. E por isso — que não por motivos económicos — foi a Inglaterra afastada da CEE.—ANI

A grandesa dos homens

(Continuação da 1.ª página)

E só vemos um caminho a seguir como diz o Dr. Franco Nogueira e como pessoa o Snr. Degaulle. A Europa não pode contar com qualquer auxílio americano para se defender a não ser de dinheiro para abafar, como o faz com a Argélia a quem tem auxiliado e esse auxílio está a transformar-se em armas e todo o material bélico preciso para qua a África seja mais uma Colónia desse Déspota se um outro mais matreiro que vive perto das regiões polares estiver de acordo. Portanto falta na América um homem proporcional à sua grandesa. O que a põe em «crise».

BONECOS DE NEVE

Aquela boneca, criada a brincar
Moldada por ela em barro branquinho,
Que pena que foi pouco tempo durar
Quando ela lhe queria com tanto carinho!

Mas eu só me espanto que não derretesse
Ao simples contacto de tão linda mão...
De neve que fora, a mim me parece,
Poria ela em chamas qualquer coração!

Se ao doce calor que dela emanou
A estátua de gelo, de gelo ficou,
Não foi porque ela o ardor lhe negasse...

Mas como seria possível então
Que a sua mimosa e artística mão,
Brincando co'a neve, também não gelasse?..

UERBA

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros
V. de Amares 62162

Portugal em novo torneio de futebol

(Continuação na 6.ª página)

boa máquina, que funcionou perfeitamente num país de recursos modestos. E essa máquina — já que os dirigentes não são cobicados como os jogadores — continua praticamente pronta a servir, quando necessário, bastando montar e articular novamente as peças que regressaram aos seus «armazéns» habituais.

Houve um aspecto, porém, que interessou sobretudo a gerar muito dinheiro. Não só o que o habitante local dispende para assistir aos encontros, mas — e esse ponto é o mais importante — o que é trazido pelos turistas, entusiastas de futebol, que acorrem de todo o mundo, acompanhando as equipas e os jornalistas, que só por eles bastariam para dar a qualquer país um bom rendimento de divisas.

O facto de haver montada uma boa máquina e o desejo de voltar a aproveitar o ingresso de divisas não devem ter pesado muito menos do que o desejo de voltar a ver o país nas notícias de todo o mundo e de proporcionar novamente o contacto com gentes de toda a parte. E a Federação Chilena de Futebol decidiu repetir o espectáculo, embora em moldes diferentes e um pouco mais reduzidos. Assim nasceu, segundo pa-

rece, a ideia de fazer disputar o «Campeonato Latino de Futebol». Foram convidados oito países — e todos aceitaram: quatro na América (Brasil, Argentina, Uruguai e Chile) e quatro da Europa — França, Itália, Espanha e Portugal. O torneio está marcado, em princípio, para Janeiro de 1964 e tencionava-se repeti-lo de uns tantos anos.

Para tratar dos assuntos relativos ao campeonato esteve agora na Europa o dirigente a sua ronda pelos quatro países latinos que tomam parte no campeonato. E declarou à partida que a Federação Portuguesa de Futebol decidira, em princípio, participar no torneio, enviando a equipa das Quinas aos jogos do Chile. Uma das aliciantes do torneio é que não há eliminatórias fora do país: todos os jogos ali serão disputados — e quem está inscrito chega à fase final.

Não é sem uma pequenina inveja que vemos ir para o Chile mais uma organização de futebol. Portugal já provou, ainda recentemente, com a organização dos Campeonatos Europeus de Juniores, que tem estádios capazes e público interessado para se abalancar a organização semelhante. Que pena não haver montada uma boa máquina, como aconteceu no Chile... — ANI.

Sónetos á minha Terra

«CANIÇADA»

Sonhei que tinhas mudado
Com melhoramentos tais,
Que fiquei admirado
Por não virem nos jornais!

Acordei fiquei contente
E quize ir verificar
Pedi dispensa aos meus chefes
E não pude descansar.

Quando cheguei fiquei parvo i
Eu não conhecia a terra!
E só mermurei baixinho:
«Sim Senhor! Homens de guerra!!»

Caminhos erão Avenidas!
Sem pedras e plaininhos!
Os tectos e as paredes,
Caiados muito branquinhos!

Ao fundo erguia-se a Igreja
Com cemitério a brilhar!
Tão branquinho tão branquinho
D'uma alvura sem têr par!

Radiante d'alegria,
Deitei-me a descansar,
De manhã quando acordei
Fiquei louco ao verificar!

Pinturas, quâse desfeitas!
Os caminhos em Ruina!
Os tectos de novo pretos!
Outro aspecto tudo tinha!!

Tudo que tinha visto,
Tudo era obra de Deus
Foi um manto ali exposto,
De neve vinda dos Céus

José Silva

1.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE AMARES ANÚNCIO

No dia 13 do próximo mês de Março, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do Juiz de Direito de Braga, move contra Amândio José da Silva, casado, comerciante, de Bouro, serão postos em praça, pela primeira, vez para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado, os seguintes imóveis apreendidos àquele executado.

1.º

Casa de morada de altos e baixos com uma latada e mais pertenças, sita no Terreiro-Bouro Santa Maria, inscrito na matriz urbana no art.º 283 e descrito na Conservatória sob o n.º 15533 o qual vai à praça por 16.200\$00.

2.º

Uma morada de casas e rocio junto, sito em Enchido-Bouro Santa Maria, inscrito na matriz urbana no art.º 309 e descrito na Conservatória sob o n.º 23509, o qual vai à praça por 1.296\$00.

Amares, 14 de Fevereiro de 1963

O Escrivão,

a) Victor Manuel de Lopes Afonso

Verifiquei:

O Juiz de Direito

a) Fernando Adelino Fabião

Enganos e Desenganos

Continuação da 1.ª página

neza. Com esses me debati eu, tentando pôr a claro todas as minhas possibilidades literárias. Entre todos, o mais tenaz foi o F. T., meu colega de ofício, que tentou subjugar o artigo a um ignoto jornalista brasileiro, ou ainda a algum manuscrito perdido e achado.

A este que aludiu às mais diversas e variegadas hipóteses para tentar desfazer ou dissipar o artigo do autor, lhe provei o contrário.

Ainda que o não pudesse provar, tinha na consciência um peso de orgulho, orgulho daquilo que era e é meu.

Luís Fernando Monteiro

«Criminosos de Guerra»

Continuação da 1.ª página

ções Unidas.

A inscrição na ONU funciona, assim, como uma espécie de água de baptismo: lava todos os pecados, trás o perdão a todos os crimes, restitui ao que a faz um estado de inocência absoluta, em cordeiro imaculado transforma, de golpe, o lobo faminto...

No passado, os mesmos homens viveram lado a lado nos mesmos acampamentos ou nos mesmos quartéis — e, lado a lado se bateram — e, se porventura houve excessos que não fossem os praticados pelos feros «capacetes azuis» sikks ou abexins, lado a lado, como sempre, esses homens os cometeram. Se alguns têm

Mas porque é que elas são assim?

(Continuação da 2.ª página)

pre de um bode espiatório que acarretasse com as suas culpas enquanto ela, a vítima, saía da querela mais etérea, mais sofredora, mais incompreendida...

Pouco depois desta cena ouvi ainda quixumes por a criada se ter ido embora sem a menor razão, deixando-a a braços com o grave problema das refeições e governo da casa de que, naturalmente — era inteligente demais para desperdiçar os seus dotes intelectuais com tais ninharias... — ela não tinha a mínima ideia.

Disse-lhe o que pensava e desta vez — a primeira — não lhe pude dar razão: eu prenciara os acontecimentos, fora testemunha do seu proceder injusto e sem lógica. Desde então Luciana conta a quem a quer ouvir a história da sua infelicidade congénita, aumentada agora pelo marido indiferente, que a não trata como ela esperara e, segundo a sua opinião, merecia — ela que nunca fez mal a ninguém, que sempre se esforça por trilhar o caminho do Bem e da Justiça.

Não é raro ouvir-lhe estes e outros queixumes de perseguida do destino e dos homens. E eu, que sou por natureza reservado, calo-me. Mas não posso deixar de pensar com os meus botões: «mas por que é que «elas» são assim?»

sangue nas mãos, os outros também o têm. Alguns eram aventureiros internacionais, autênticos «soldados de fortuna», criaturas sem escrúpulos, «mercenários» na mais pejorativa acepção da palavra — também os outros o eram — ou pelo menos não havia processo fácil de os diferenciar. Vestiam todos o mesmo uniforme, usavam as mesmas armas, haviam sido contratados pelo mesmo homem, obedeciam às mesmas ordens, combatiam o mesmo, esgotadas as munições, caem prisioneiros — prisioneiros de soldados da ONU — e que os põem, ali mesmo, no campo de batalha, em face do dilema: ou se alistam como funcionários da ONU, ou serão repatriados. Ora o repatriamento não convém, é evidente, aos que fugiram do seu país a fim de escaparem ao castigo por algum crime — nem sempre político — e aos piores dos «affreux», aos da alma verdadeiramente «mercenária», aos que guerreiam por gosto, por simples espírito de aventura ou porque, soldados desde a adolescência, nada mais sabem fazer na vida e tante se lhes dá servirem Tchombé ou a ONU. E são esses, precisamente esses, os que aceitam ficar como funcionários das Nações Unidas. Esses, os piores. Esses, o rebotalho.

Mas havia também os que, ao servirem Tchombé, sentiam que a luta era a mesma que haviam travado na Indochina ou na Argélia. Ou contra os russos, na Hungria. Ou contra as «brigadas internacionais», na Espanha. Estes, que eram os melhores, os mais puros, optaram, naturalmente, pelo repatriamento. Não quiseram trair o homem com quem se haviam comprometido. Não quiseram trocar o seu enlameado uniforme de «affreux» por uma farda janota, e novinha em folha, de soldado da ONU. Não quiseram vender-se por um masso de notas de dólar. Pois bem. Tanto bastará (se em todo o mundo os homens de boa vontade não erguerem um alto clamor de protesto) para que sejam julgados como «criminosos de guerra». Julgados e condenados. Julgados e enforcados. Enforcados, africanamente, em qualquer ramo de árvore, com o batuque, ao redor a rugir de júbilo... — ANI.



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

S. Paio de Seramil UM HOMEM QUE MATOU UM GATO

(CONTINUAÇÃO)

a igreja, pena de pagarem de sua conta 500 rs.
Que os mesmos no termo de tres meses mandassem consertar os telhados do corpo da igreja, correndo-os todos, com aplicação de argamassa de cal e areia os cumes e beirais. No mesmo prazo mandar tapar os buracos dos frechais do cabido extinto, e que estavam ainda na frontaria da mesma igreja; rebocar os arredores das novas frestas por dentro e por fora; tapar as fendas e juntas das paredes pela parte de fora, como também a cornija da portaria e o sobrado do coro, pena de pagarem de sua conta mil rs. naquela visita; no termo de um ano tirarem o pedreiro do adro, debaixo de igual pena.

Achou todos os altares, à excepção do colateral do lado do Evangelho, com pedras de ara antigas e sem relíquias; por isso mandou a cada uma das pessoas obrigadas «fabricar» os mesmos, que no prazo de seis meses lhas trouxessem novas e com relíquias, das da fábrica da Sé Primaz, pena de pagarem de suas bolsas, naquela visita, mil e 600 rs. cada uma.

Uma passagem deste capítulo de visita revela que o edifício da igreja teve uma feição mui diferente da actual. O simples campanário, com o alpendre coberto, de que ficaram os buracos dos frechais, ter-lhe-ia dado uma fisionomia muito mais poética, e assim viram a sua igreja as gerações desse tempo, como hoje apenas se imagina.

Foi exactamente dessa época para cá que se ergueram para o Céu as torres ponteagudas e vistosas; mas não quer isso dizer que a evolução, por que tem passado os velhos tempos e matrizes da aldeia, lhes tenha impressa maior beleza.

* * *

Outra visita em 1797, no dia 17 de Julho, o mesmo Visitador e o mesmo pároco, na presença dos fregueses procederam às cerimónias do costume = procissão, Sacramentos, Santos Oleos, Paramentos, Pia baptismal, imagens. *Provendo no espiritual e no temporal*, ordenou o seguinte:

Cumprimento de portarias, no mesmo livro registadas, respeitantes à proibição de contratos de compra e venda nos domingos e dias santificados, com a indicação por ordem, do que era lícito comprar e vender, e era: — 1.º coisas de comer e beber, não sendo para negócio ou comércio, salvo todo o pescado fresco, que se podia vender e comprar, ainda para revender; 2.º todas as espécies de géneros que, fossem imediatamente necessários para algum funeral; 3.º o tabaco, *por meudo ou em quartas* e também nas boticas as drogas indispensáveis para remédios do mesmo dia ou imediatamente seguinte; 4.º alguma folha ou caderno de papel, tinta de escrever, obreias, caruxos de pós, ou porção de banha ou de alfinetes, e também algum rolo ou vela de cebo, ou cera, lenha para cozinhar, entendendo-se que cada uma das coisas fosse necessária para o mesmo dia; 5.º todas as coisas sem as quais os viajantes não podiam continuar a sua jornada; 6.º podiam os alfaiates e sapateiros nesses dias entregar vestuário e calçado, cobrando o seu importe; último, podia qualquer pessoa pagar o que devia e receber pagamentos e soluções de toda a quantidade de dívidas.

Feitas outras observações, declara que achou por cumprir as obrigações que na visita passada foram determinadas quanto às obras de reparação na frontaria da igreja, para as quais dera um prazo de tres meses e não haviam sido feitas em tres anos. Mas, porque lhe constava que andavam em demanda com o mestre pedreiro que fizera a torre, para fazê-la de novo por não a ter deixado segura, e que dela dependiam as mesmas obras, os aliviava da pena em que estavam incursos, mandava aos oficiais e juiz da igreja que então serviam dessem satisfação a todo no prazo de seis meses, sob pena de pagarem por sua vez tres mil e 200 rs. de multa.

Apesar de não haver sido colocada a pedra de ara no altar de N. S.ª, e porque havia quatro altares na igreja, evantava-lhe a suspensão imposta na visita passada, com a condição de lhe collocarem outra pedra para nele se dizer missa.

Que havia sido informado de que não obstante existir uma porta para fechar o adro da igreja, estava sempre patente ao ingresso de animais, e consequentemente a igreja, por isso ordenava ao juiz e oficiais que no termo de seis meses mandassem fazer um fojo no pátio onde estava a dita porta, com profundidade largura e grades por cima, de sorte que tolhesse a entrada aos animais; pena de pagarem de suas bolsas, não cumprindo assim, mil rs. findo aquele tempo.

Segue-se o registo de várias proclamações e exortações do arcebispo D. Frei Caetano Brandão, esclarecendo

(Continua no próximo número)

(Continuação da 1.ª página)

o gatarrão a formar o salto. Desviei-me e apanhei-o com a pá que tinha ficado esquecida ao pé do cimento. Apanhei-o bem, mas ele ainda custou a morrer. Tive de lhe dar mais para baixo...

— Um gato? Você não está maluco, nem nada? Vamos lá ver esse gato.

Meteram-se todos na carrinha e daí a pouco estavam lá. E então viram o vulto do animal, já em pleno sol, inteirado, com a linda pele malhada cheia de sangue.

— Mas isto não é um gato. É uma onça!

— Uma onça?

O pedreiro esbugalhou os olhos, sentiu um nó apertar-lhe a garganta e desmaiou.

Poderíamos partir deste facto verídico, para estabelecer o esquema de uma filosofia do medo. O medo é uma situação psicológica, um estado de espírito, que importa conhecer muito bem — até porque os outros o conhecem e sabem manejá-lo. Não foi sem razão que o dr. Salazar declarou um dia — *Eu tenho medo... do medo.*

O medo é um estado de alarme que não depende do indivíduo e representa de certo modo a reacção salutar em face do perigo. Diz-se que uma senhora perguntou a Mouzinho de Albuquerque, sobre o estado de espírito do herói, quando ele transpunha a estreita abertura na palissada para entrar no craal do Gungunhana, em Chaimite:

— Que foi que sentiu quando passou aquela porta?

— Senti muito medo, minha senhora.

É natural. Dentro da palissada estavam milhares de pretos armados. Estava o Gungunhana, com todo o seu prestígio. Estavam os conselheiros pérfidos que o atiravam contra nós. Poderia ser o massacre de Mousinho e do punhado de soldados que o acompanhava. Mas ele dominou o medo, passou à frente do tenente Couto, que se encontrava junto à estrangulada passagem, e, momentos depois, estava no meio do terreiro, em frente das cubatas, espada na mão, cabeça levantada, a voz forte a quebrar os silêncios:

— Gungunhana! Gungunhana!

Lá dentro de si, Mousinho sabia o que existia. Existia, mas não dominava. Mousinho era superior ao medo.

O medo pode nascer das condições que nós criamos, pode resultar das circunstâncias emergentes de factos independentes da vontade dos homens, e pode ser também uma arma utilizada contra nós pela vontade de outrem.

Diz a sabedoria do povo que «o medo é que guarda a vinha». Também é certo que «o medo é que espanta os pardais». Mas os tempos modernos criaram um tipo de medo destinado a fazer fugir

as pessoas de dentro das suas próprias casas. É contra este último que os homens devem estar especialmente preparados, sobretudo quando não são pardais, nem pretende assaltar as vinhas.

Na técnica de combate pelo medo, o terrorismo é a forma extrema. Foi utilizada contra os portugueses em Angola e não deu resultado. Os portugueses agarraram-se à terra, endureceram, resistiram, e a ofensiva falhou. Não quer dizer que não prossiga a luta em Angola, sob outras formas, mas a tática inicial do terrorismo, essa foi vencida.

Na luta que prossegue, e em que principia a ter papel mais activo o bando comandado de longe por um Mário de Andrade, o medo continua a ter o seu papel. A técnica é, no fundo, muito simples: através de agentes muito discretos, procura-se criar na população problemas de desconfiança, de desentendimento, de mal estar; tenta-se que este sector da população desconfie daquele e aquele daquele outro, que os brancos desconfie dos pretos e os pretos dos brancos, os militares dos civis e os civis dos militares, os funcionários dos que não são funcionários e estes daqueles, os ultramarinos dos metropolitanos e os homens da Metrópole da gente do Ultramar. Procura-se reduzir cada sector ao sentimento de que só pode contar consigo, porque os outros são egoístas; só pensam em si, só pensam em fugir, só pensam em trair. Inventam-se histórias falsas sempre no sentido de isolarem os grupos, os sectores de portugueses. E no meio de tudo, insistentes, procuram criar, com um assalto aqui, com uma embuscada além, a generalização de um estado de espírito de isolamento — e de medo. Por outro lado, através de certas ligações internacionais, aliás

bem conhecidas, esforçam-se por nos criar, a todos, ao conjunto da comunidade portuguesa, o mesmo sentimento de isolamento — e de medo.

Não têm conseguido nada até agora, e esperamos que o não consigam, tanto mais que já deve ter passado o período mais crítico, mais duro e mais perigoso. Um dia se falará desta resistência moral dos portugueses, como de uma existência colectiva, não obstante as batalhas que necessariamente tivemos de perder nas zonas necessariamente menos guarnecidas — e que mais tarde teremos de reocupar.

Não teve os aspectos grandiosos da magnífica resistência dos ingleses aos bombardeamentos da aviação hitleriana — a resistência que verdadeiramente ganhou a guerra, porque a ganhou na força de ânimo. Não teve as aparências espectaculares da resistência moral dos alemães e do seu poder de recuperação depois de uma das mais duras derrotas da História. Mas tem sido, apesar disso, no meio das nossas dificuldades, uma hora de grandeza moral. Assim a comunidade portuguesa a saiba aguentar até à hora do amanhecer.

Com tudo isto ia esquecendo o pedreiro da Baía Farta.

Ele teve medo e desmaiou quando soube que fora atacado por uma onça. Mas não teve medo e lutou e matou a onça, enquanto esteve convencido de que não passava de um gato muito grande. A sua possibilidade de vencer não estava no inimigo — gato ou onça. Estava nele próprio, na sua força de ânimo, na sua determinação, na confiança dos músculos dos seus braços.

É evidente que deste facto pode extrair-se uma proposição de moralidade. Será escusado dizê-la. Já todos a entenderam... — ANI



**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
A M O D E L A R**

Telefone 62113

Amares

Tribuna Desportiva

Jornada sem sobressaltos no Campeonato de Futebol

Não teve sombra de sobressalto a jornada de Domingo do Campeonato Distrital de Futebol (Primeira Divisão). O problema mais difícil — a deslocação do Benfica a Coimbra — foi resolvido normalmente pelos campeões europeus com uma vitória por 2-0, desenhada tão cedo que roubou interesses ao jogo.

Em todos os outros encontros ganharam os «donos da casa». E nem sequer está fora da lógica o volume das vitórias do Sporting sobre o Leixões (6-0) e do Porto sobre o Olhanense (4-0).

Os resultados da décima quinta jornada foram: Porto, 4-Olhanense, 0; Académica, 0-Benfica, 2; Sporting, 6-Leixões, 0; Belenenses, 1-Cuf, 0; Lusitano, 1-Vitória de Setúbal, 0; Barreirense, 2-Atlético, 0; Vitória de Guimarães, 2-Feirense, 1.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	27
Porto,	26
Sporting,	23
Lusitano,	17
Leixões,	17
Belenenses,	16
Guimarães,	16
Académica,	13
Setúbal,	13
Olhanense,	11
Barreirense,	10
CUF,	9
Atlético,	8
Feirense,	4

Na Segunda Divisão, o Varzim continna empatado com o Beira-Mar, na Zona Norte, ao passo que na Zona Sul o Alhandra se firma no comando. Houve um encontro adiado, devido à chuva, o Portimonense-Seixal, no Algarve.

Os resultados da jornada foram:

ZONA NORTE: Sanjoanense, 3-Sporting da Covilhã, 2; Vianense, 1-Salgueiros, 1; Boavista, 4-Marinhense, 2; Leça, 1-Braga, 0; Varzim, 4-Espinho, 0; Beira-Mar, 2-Académico de Viseu, 0; Castelo Branco, 1-Oliveirense, 1.

ZONA SUL: Farense, 2-Silves, 1; Torrense, 2-Sacavenense, 0; Oriental, 2-Alhandra, 2; Portalegrense, 3-Lusitano de Vila Real, 2; Luso, 2-Montijo, 1; Peniche, 0-Cova da Piedade, 1.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Beira Mar,	23
Varzim,	23

Oliveirense,	21
Covilhã,	20
Leça,	17
Marinhense,	16
Espinho,	15
Vianense,	13
Académica de Viseu,	12
Castelo Branco,	10
Sanjoanense,	10
Salgueiros,	9
Boavista,	9

Zona Sul:	Pontos
Alhandra,	23
Seixal,	20
Torrense,	19
Cova da Piedade,	18
Sacavenense,	16
Portimonense,	16
Luso,	16
Oriental,	15
Farense,	15
Lusitano de Vila Real,	13
Montijo,	13
Portalegrense,	11
Peniche,	10
Silves,	4

Eliminados os portugueses do Voleibol Europeu

As equipas portuguesas que concorriam às «Taças dos Campeões Europeus de Voleibol» (masculino e feminino) foram eliminadas das provas na mesma noite, nos jogos da segunda «mão», realizados em Lisboa.

Os jogadores do Lisboa Ginásio Club foram derrotados pelos húngaros do Ujpest por 3-0 (17-15, 15-5 e 17-15) revestindo-se de grande interesse o primeiro e o terceiro jogos, em que os portugueses estiveram muito próximos da vitória.

Nos jogos femininos, a equipa do Club Desportivo Universitário de Lisboa foi derrotada pela Universidade de Montpellier (França) também por 3-0 (15-6, 15-4 e 15-11). As jogadoras francesas demonstraram grande superioridade.

Basquetebolistas de Angola na «Taça de Portugal»

A equipa do Sport Lubango e Benfica, que veio de Angola ganhar o Campeonato Nacional de Basquetebol Feminino e nessa qualidade participou e ganhou a primeira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus», tem assegurada a participação na prova.

Foi informada pelas entidades oficiais de que receberá um subsídio que permitirá a sua vinda à Europa, para defrontar, em Lisboa e em Sofia, a equipa da «Slavia», campeão da Bulgária.

Campeonato Distrital de Futebol da F. N. A. T.

LEÕES DA MODELAR, 2 — DUME, 2

Ao intervalo 0-1

Depois de quatro semanas sem jogos, realizou-se, no passado domingo, o desafio Amares-Dume, a contar para a 2.ª jornada da segunda volta do Campeonato Distrital da F.N.A.T.

Os Leões apresentaram-se desfalcados de dois titulares (Martins II e Almeida) o que, de certo modo, diz alguma coisa quanto ao resultado final.

Mas vejamos:

Começado o encontro, ambos os grupos tentavam alvejar as balizas antagonistas e foi o Amares que esteve à beira de marcar, havia dez minutos de jogo, por intermédio de Quim, que só por manifesta falta de sorte o não conseguiu. Como resposta o Dume numa descida rápida obri-

gou o guarda da Modelar a arrojada defesa aos pés do seu avançado-centro; e nesta parada de contra-ataques, o Dume, mercê de um desliz da defesa visitada, e isso deve-se ao estado do terreno, conseguiu, a empurrão, marcar o primeiro golo do desafio.

Animados com o tento, os rapazes de S. Martinho «apertaram» criando situações de perigo para a defesa da casa que bem escalonada, conseguiu, não só aguentar o ímpeto dos forasteiros, como também, auxiliando bem o ataque, conseguiu desfazer a pressão e então o jogo começou a ser dividido pelas duas metades do campo com jogadas de bom futebol e assim se atingiu o fim da primeira parte.

Recomeçado o encontro o grupo da Modelar ciente das suas possibilidades e responsabilidades aplicou-se de tal maneira que, após poucos minutos, numa sequência de um cânone foram tantos que os visitantes sofreram) conseguiu igualdade depois de uma série de remates à travessa realizada por Necas.

Novo ânimo, mais possibilidades, e então assumiu-se a autêntica dominância do grupo visitado; iam decorridos 30 minutos quando numa jogada bem delineada do ataque caseiro, Gomes conseguiu rematar fora o alcance do guarda visitante; e quando parecia golo certo (e era) surgiu um defesa que, com arripado mergulho, conseguiu cedendo penalti, evitar o golo (momentaneamente).

O respectivo castigo máximo foi apontado por Eduardo sendo convertido no segundo golo dos Leões.

Mais adiante uma jogada confusa frente à baliza guarda de Carriço, salientado o defesa-centro dos Leões, Elói.

Com a falta deste elemento e faltavam ainda 10 minutos para o termo da partida, os visitantes, usando como prática o adágio «perdido por mil, perdido por mil e um» foram abertamente para o ataque e num lance infeliz de desentendimento entre Catolino e Carriço conseguiram marcar o segundo golo e que lhe daria o empate final.

O jogo foi bem disputado. A arbitragem regular e imparcial.

Amanhã, 17, os representantes de Amares defrontam o Onça F. C.

Na primeira volta os Leões da Modelar venceram o Braga por 3-1, mas contra para este encontro a Modelar se encontra alienada de três dos seus melhores atletas (Almeida, Martins e Elói) cremos que será difícil obter o resultado da primeira volta; no entanto temos a certeza, tudo farão os atletas de Amares para não saírem desprestigiados nem desprestigiarem o colosso de Amares.

A. G.

Portugal em novo torneio de futebol

o campeonato latino

a disputar no Chile

Durante quase dois anos, os sectores desportivos de todo o mundo andaram suspensos do que ia acontecendo no Chile. Aquele país latino-americano candidatara-se à organização do Campeonato Mundial de Futebol de 1962 — e a sua candidatura fora aprovada.

Sobrevieram, porém, as maiores complicações: não só as de ordem desportiva — e basta lembrar que a equipa foi «construída a escopro e martelo», como um jornal chileno observou — como até as de ordem financeira, agravadas mais tarde com as tragédias que enlutaram aquele país, perdendo-se em terramotos centenas de vidas e milhões de contos.

Tudo, porém os organizadores chilenos conseguiram vencer. No aspecto fundamental, o da equipa, desco-

briram um homem, Fernando Riera, que já treinara em Portugal duas equipas e depois do campeonato mundial voltou, para treinar a equipa portuguesa de maior fama internacional, o bi-campeão europeu Sport Lisboa e Benfica.

Com um lote de 24 jogadores, na sua maioria jovens, escolhidos entre os mais promissores de todos os clubes do país, Riera acabou por «construir» a tal equipa, que conseguiu chegar às meias-finais — proeza que ninguém julgara possível. Mas desse «esquadrão de Riera» já poucos jogadores continuam no Chile, visto que o dinheiro dos diferentes países sul-americanos e europeus os foi atraindo para outras paragens.

Na parte da organização, constituiu-se igualmente uma

(Continua na 4.ª página)

FUTEBOL

Domingo, dia 17, às 15 horas

No Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu

Leões da Modelar,

CONTRA

ONÇA F. C.

